

ENTREVISTA COM A PALAVRA OS PESQUISADORES INDÍGENAS

Bruna Franchetto e Augusto de Alencar (Organizadores)

No dia 18 de outubro de 2018, convidamos os estudantes indígenas do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN), ambos da UFRJ, para uma roda de conversa sobre a importância da documentação de narrativas e os sentidos das práticas narrativas em seus povos. Estiveram presentes os entrevistados Chicoepab Suruí, da etnia Paiter Suruí, Enoc Merino Santi, da etnia Kichua Canelos, Jósimo da Costa Constant, da etnia Poyanawa, Márcio de Oliveira Pires, da etnia Bakairi de Santana, Maria Isabel de Oliveira da Silva, da etnia Desana, Nelly Duarte, da etnia Marubo e Sandra Benites, da etnia Guarani Nhandeva. A conversa foi coordenada por Bruna Franchetto.

Contamos também com uma entrevista, realizada em São Gabriel da Cachoeira, AM, protagonizada por Kristine Stenzel e pelo Professor Miguel Cabral, da etnia Kotiria (Wanano). Augusto de Alencar, mestrando do PPGAS/Museu Nacional, trabalhou na gravação da entrevista, sua transcrição – na qual contou com o auxílio de Gabriela Montoni – e na edição final do texto aqui apresentado.



Professor Miguel Cabral



Os alunos de pós-graduação e Bruna Franchetto

Narrar nas tradições ameríndias

Isabel: No Alto Rio Negro a gente tem algumas narrativas dos próprios Desano, tem os Tariano agora, e elas nos ajudam muito a entender como foi a caminhada. *Antes o mundo não existia*, que é aquele livro bem famoso¹... Isso nos ajuda bastante, porque lá é onde tem realmente a origem do que a gente não conhecia. Meu pai falava muitas histórias, muitas histórias. Toda noite ele me contava história e eu não escrevia, eu gostava de ouvir. Toda noite, a gente colocava a rede, deitava se embalando e conversava muitas histórias. Então tem muitas histórias interessantes que fazem parte da nossa vivência no dia a dia, na aldeia mesmo, e do livro das narrativas dos nossos parentes. Tem esses livros que ajudam bastante as novas gerações entenderem como foi a história dos Desano, Tukano, Wanano... cada etnia tem sua própria história. E, essa nova geração já não conhece mais tudo aquilo que a gente conhecia. Meus sobrinhos já não têm esse domínio dessas histórias, e os livros trazem essa importância da caminhada dos antepassados. Tem muitos...² (mostra os livros). Esse eu amo, esse aqui, esse foi um dos primeiros. Esse livro foi muito importante, foi o primeiro dos que foram escritos pelos narradores. E nós temos essa riqueza no Alto Rio Negro, claro, precisamos de mais narrativas, porque nós temos muitas narrativas.

Kristine: Tenho uma curiosidade: tem classes diferentes de histórias? Narrativas de tipos, como se fossem tipos de histórias diferentes, que tem nome próprio? Quais são as classes de narrativas?

Miguel: Tem as narrativas que se referem à própria tradição. Tem narrativas que se referem, não diretamente, à própria cultura. Se chamam *khiti*, *khiti ya'upe* a gente diz. Porque tem contos tipo lendas, e outros que são da cultura, que realmente aconteceram. Tem, sim, essa classificação. Porque são contados tipo lendas e outros que são da tradição, que realmente aconteceram, principalmente quando se fala da história do povo, do surgimento, essas coisas. Isso é o que realmente aconteceu. A pessoa entende que isso aconteceu, por isso nós existimos. Porque nessa lenda o grupo existiu, surgiu... Eu acho que têm que ser classificados. Na verdade, tudo isso é *khiti*, história. Tem outras que são apenas para contar: lendas, inventadas. Eu acho que isso deve ser uma classificação de tipos de histórias que se tem, que se conta. Só tem história que vem sendo passada. Um dia alguém contou, vem outro e conta; esse tipo de histórias. Agora, história inventada... deve ter também...mas não é comum.

Kristine: E histórias engraçadas, tem um nome especial para histórias engraçadas, tipo piadas?

Miguel: Tem sim, mas eu não sei dar esses nomes. Histórias engraçadas, sempre tem alguns que

1 Umusĩ Pãrôkumu; Tõrãmꞥ Kẽhĩri (1995).

2 Isabel aponta para alguns dos livros da *Coleção Narradores Indígenas* do Rio Negro, expostos no meio da roda, publicados pela FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do rio Negro) e atualmente esgotados.

contam coisas engraçadas, fazendo todo mundo achar graça. Tem, mas eu não sei como se dá o nome desses contos engraçados.

Kristine: Uma vez me contaram uma história que eu gravei sobre o jabuti; contaram uma história, foi o Jesus Villa – aquele pajé de Ibacaba – ele contou uma história de tartaruga, mas ele diz jabuti. Ele disse que tem muitas histórias de jabuti, que essa personagem é... ele entra em muitas histórias. Você lembra de histórias de jabuti?

Miguel: Sim. A Janet³ tem essas narrativas também: do jabuti, da anta, da mucura, tem essas histórias.

Kristine: Mas eles seriam histórias de origem, ou eles são esses outros tipos?

Miguel: Eles fazem parte da história da origem, também, porque desde o começo eles existiram; fizeram parte da origem, e o conto diz que eles também foram seres viventes, falantes, vamos dizer assim. Então essas histórias são narrativas que se fazem como se fossem uma personagem falando...

Kristine: É, eles falam...

Miguel: ... São essas coisas de origem, não são inventadas de um momento pro outro.

Kristine: E aquela história da Teresinha⁴, que seria uma coisa também, um pouco da história... também seria de origem?

Miguel: Essa é uma história que aconteceu. Não foi no tempo da origem, mas já no tempo da convivência da população. Isso eu digo que não é história, não é história inventada, é uma história real que aconteceu de fato, e todo mundo sabe sobre.

Chico: Até entre os narradores indígenas, vai mudar também. Isso eu já percebi, também. Tá narrando a mesma história que outro, há diferença. Vai pular, vai alterar alguma coisa, sempre vai ter isso. E tem um ponto que eu quero colocar aqui para vocês: entender que não tem como falar – por exemplo, no meu caso, de modo a abranger todo mundo – os Paiter Suruí, não tem como. Porque antigamente o nosso território era todo junto, as nossas casas, malocas; hoje não, há um território: minha aldeia é aqui, aí outra aldeia é ali... Hoje a gente não tem mais aquela aproximação, então vamos supor: da linha 11, linha 14 e sei lá, aí são outras linhas que temos aldeia⁵. O pessoal da linha 9 não sabe como

3 Janet Chernela, antropóloga que trabalha há muitos anos com os Kotiria e outros povos do Alto Rio Negro.

4 Teresinha Marques, autora da narrativa sobre a origem dos cemitérios sagrados dos Kotiria, capítulo 6 de Stenzel & Franchetto (2017), livro foco da resenha de Nevins neste volume.

5 A denominação de “linhas” é corrente na região e tem origem na marcação dos lotes dos projetos de colonização e expansão fronteiriça. As aldeias paiter suruí se concentram nos limites da Terra Indígena e são acessadas desde Cacoal através das linhas.

acontece a narração, a cultura lá, no dia a dia deles. O que eu contei, eu estou falando da comunidade Paiter Linha 9. Não dá para generalizar mais. “Ah, vou falar dos Suruí, acontece isso...” Se algum indígena falar isso, já vai errar nesse dia. Já está começando a torcer as coisas.

Márcio: É como eu estava falando, eu também não tenho propriedade para falar dos Baikari de Pakuera, porque nós somos o mesmo povo, mas a história é diferente para nós dois. Por exemplo, eles têm essa dança, a *Yakuigady*, que é a dança das máscaras, *Yakuigady Kwamby*. Eles têm essa dança, é outro tipo de máscara, mas eles usam. O nosso grupo, o de Santana, não dança essa dança, mas ela é nossa também, só que a gente não pratica. É uma coisa interessante, a gente estava falando dos Guarani, que são vários indivíduos que compõem esse povo, muitos, e o meu povo é pequeno, são 1500 pessoas e já tem toda essa diferença, então já tem toda essa complexidade de aldeias, de grupos, aldeias que se separam... então nós somos do mesmo povo, mas pingado no mesmo território, de várias aldeias.

Sandra: Quando nós fomos para a licenciatura, a própria universidade achava que “os Guarani” estavam lá. A partir dessa conversa da narrativa, que cada um se identificou para discutir essa diversidade.

Bruna: Mas como foi colocada a coisa da narrativa, na licenciatura? Como começou isso?

Sandra: É porque tem uns que falam nos gêmeos (Sol e Lua)... é, no próprio registro estava registrado, tem uns que falam dos gêmeos. E aí os Guarani Mbyá, para eles, não são gêmeos, e para nós, já são gêmeos. Nós começamos a discutir, porque eles afirmaram que não eram gêmeos, então para nós que entendemos como gêmeos – a Lua e o Sol – temos que discutir isso. Até mesmo para não fazer essa questão da generalização. Isso vem a partir do próprio registro que nós encontramos. Eu lembro que a professora chamava sempre os Guarani Mbyá, aí eu falei “não, aqui não tem só Guarani Mbyá, aqui também tem Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva, e aí até o Xiripá apareceu lá, o Guarani Xiripá. Depois cada um começou a questionar a parte da narrativa, porque cada um narra de um jeito. Eu acho que essas narrativas são importantes por conta disso, porque ela é um registro.

Bruna: “A narrativa do povo tal...” já aí deve ter coisa para discutir.

Chico: Tem. Poderia dizer “tal fulano narrou o mito de tal povo”. (Risos) É na versão de tal fulano, né?

Bruna: A gente falou disso ontem, eu lembro. Está essa polêmica. É, o que aconteceu nesse livro e também aqui, o que a gente é obrigado a dizer é que essa foi uma gravação feita no lugar tal, no dia tal, com fulano, com esse contador e aquela narrativa, daquele povo. Para que você possa dizer “Ah, bom, isso sim, é uma narrativa que aquele contador, daquela aldeia, naquele momento, naquela data, contou”. Então o que a gente documenta são versões daquela pessoa, naquele local, de uma narrativa que pode ser conhecimento de muitos outros, mas é a versão daquele momento, daquela pessoa. Isso é importantíssimo, porque não podemos dizer “história tal...”.

Márcio: Sim. Vai situar o leitor.

A fala narrativa

Márcio: Durante a narrativa, você tem que ter uma interação até pra incentivar a pessoa que tá falando. Pra ela continuar. Eu vejo isso nas pessoas mais velhas; quando eles sentam pra conversar, de manhã. Eles contam, vão contando histórias. E se você não para, não larga o celular e não presta atenção nele, rapidinho ele para. Ele vai falando, falando e daí se ele vê que você não está prestando atenção como ele quer que você preste, ele para, desvia o assunto ou tenta te perguntar uma coisa que já não tem nada a ver com a história que ele estava contando. Ele não sente uma motivação em contar. Mas se você senta com ele, pega um café e, com os dois tomando café, não precisam nem estar olhando - a gente não tem essa mania de ficar olhando - senta aqui e ele ali e fica assim contando coisa e tal, aí vai ele falando e falando, e mesmo que seja com som de “uhum”, “aham”, “hum”, “ééééé”, “hãhã”, esses sons demonstram que você está prestando atenção na conversa dele. Ou dela, no caso. Porque a minha mãe gosta bastante de contar história, minha avó também. As narrativas também acontecem quando você está, por exemplo, num evento corriqueiro como no caminho da casa até o rio. Nesse caso, ele vai contando história “Ah, foi aqui que fulano viu cobra”, “Aqui que fulano recebeu o apelido de tonto” (risos). Eu estava lembrando de uma história. Tem um rapaz que se chama Tuande, é o nome dele, em português. O apelido. Porque uma vez eles saíram pra caçar e esse rapaz se perdeu. Se perdeu na caçada e saiu no mesmo lugar onde eles tinham entrado. Daí o pessoal: “Cadê fulano? Cadê fulano?”, “Ah fulano se perdeu, fulano é tonto, é Tonto”. Aí eles voltaram. Voltaram pro mesmo caminho que eles tinham entrado e estava o rapaz lá sentado esperando eles. Ele tinha se perdido. Daí ganhou o apelido de Tonto. Então, essas narrativas acontecem, pelo que entendo de narrativas, parado ou assim.

Sandra: Eu acho interessante, que a gente pode, digamos, reescrever, porque isso sempre vai fazer parte da narrativa, porque a narrativa se renova, depende do contexto. Por exemplo, os pesquisadores *jurua*⁶ escreveram, deixaram ali, mas não tem a versão das mulheres. Então, trata-se da busca da versão das mulheres, que são diferentes dos homens. Eu acho que essas narrativas são importantes para a gente sempre provocar. Não existe uma única versão, nem uma única verdade, mas é importante que apareça essa variedade de contação. Eu acho que na cabeça dos pesquisadores – às vezes eu me questiono, também, sobre essas questões – você escuta uma coisa, mas nós não podemos, também, cair nessa ideia de que essa é uma única verdade, tem outras formas de contar. Claro que, por exemplo, entre os Guarani, tem vários que contam sobre gêmeos ou não gêmeos (Sol e Lua). São duas versões, isso é geral. Eu falei sobre isso um pouco, porque eu fico pensando... aí falavam assim: “Por

6 O termo *jurua* é usado pelos Guarani em geral para se referir aos “brancos”.

que é importante os homens e as mulheres contarem?” e eu “Porque há um conflito entre versões. Porque o que os homens não contam, a gente conta”. Eu acho que é a partir disso que vem a questão da educação, a nossa formação, a nossa educação. Porque começa, lá, a história de *Nhandesy*, começa lá no começo, isso todo mundo conta mas, a caminhada e o que aconteceu durante a caminhada às vezes não é contado. São diferentes versões. Aí as mulheres vão apontar o dedo e dizer que esse não é contado pelos homens porque os homens têm medo. Aí os homens também não contam uma parte que as mulheres têm que contar. Então eu acho que essas versões são infinitas. Por exemplo, o jovem de hoje conta um pouco diferente, mas trazendo para a realidade, como por exemplo, no Mato Grosso do Sul. Eu não conheço muito bem, mas eu conheço alguns parentes que falam sobre os Guarani Kaiowa, e lá é totalmente diferente. Contam, apesar de contar também sobre gêmeos, mas diferente da gente. E aí já traz a forma deles dançarem, por exemplo, a fala dos animais, já acrescenta, por exemplo, o *Taguató*, que é o gavião, que os Guarani Nhandeva e Guarani Mbyá não citam. E os Guarani Kaiowá narram porque eles falam que os *Imbar*, quer dizer, os bichos, os animais mensageiros, para eles é o *Taguató*. E aí o *Taguató* para os Guarani Nhandeva e Mbyá já não é coisa boa, porque come a fala, come o *nheeng* das pessoas. Então os Guarani Nhandeva e Mbyá já têm medo. Porque os Guarani Kaiowá, Nhandeva e Mbyá têm essa rivalidade: porque a gente vê os *Guarani Kaiowá* como feiticeiros que têm coisas, por exemplo, eles têm gavião e nós não temos. Os Kaiowá têm gavião que mandam comer o espírito, até mesmo das crianças, então por isso que a gente não tem essa questão.

Além da fala

Nelly: A narrativa marubo tem várias tonalidades. Quando você vai contar uma história dentro da sua casa, você tem que baixar o tom. Quando vai falar de alguém que não está nesse mundo, alguém que já morreu, um avô... você baixa o tom naquela voz bem melancólica, e quando vai contar história na maloca, quando vai citar algum clã, também: é uma fala bem cochichada. Você conta baixinho, então, eu nunca liguei para isso, porque essa conversa é normal, uma conversa enquanto vai contando um mito; quando vai contar mito, sempre cita algum clã: clã que fez algo errado, clã que cometeu algo, criou o ciúme, criou a raiva, criou a fofoca. E quando vai falar de algumas coisas que não podem ser concebidas pela menina ou pelo menino, eles vão meio que sussurrando, dizendo para cuspir. Não é para engolir a saliva enquanto está contando aquele fato. Quando se está contando alguma coisa tipo “Na época, aconteceu; uma mulher grávida foi caçar com o marido, não aguentou e teve um gêmeo ou alguma criança nasceu deficiente.” Aí nesse momento baixa o tom e pede para uma pessoa que está ao lado, uma criança, uma menina, ou um menino, aí pede: “Cospe!”

Bruna: E se a gente puser a narrativa, qualquer coisa, num papel, isso aí é perdido.

Nelly: Sim, essa história do relato, da tonalidade de voz, que vai mudando de acordo com o que você

vai contando do conteúdo. E é muito interessante, porque, segundo os mais velhos, os jovens contam história sem respeitar essas regras. Então não é de qualquer jeito que conta. O ritual de contar mito é *saiti*, que é um mito cantado. Geralmente, é contado na maloca por volta de 7 horas, que todo mundo já jantou e conta para a família inteira. O dono da maloca é quem faz esse ritual de cantar para que a casa não fique vazia, para a presença do dono; então ele não pode ir dormir sem qualquer conto, sem ritual de contar história, sem ter a voz dele. Ele tem que mostrar presença na casa, espantar o mau presságio, alguma coisa assim. Então, é importante contar essas histórias para os futuros, os netos, os mais novos, que vão lembrar disso, desse contexto de contar a história. É interessante que tenha esse arquivo, esse documento. Eu acho que é importante, principalmente, valorizar um pouco, porque dos mais velhos há muita reclamação. Eles acham que com a chegada da aula dos brancos, das escolas, estão perdendo essa forma de contar histórias. Escrever não é a mesma coisa, é melhor que tenha que gravar, tem que gravar para poder registrar e escutar, porque perde. Quando você escreve, não fica o mesmo nível de tom...

Bruna: Porque esse livro aqui dos Kamayurá que é lindíssimo, essa coletânea da Lucy Seki ⁷... Claro que a linguista, a Lucy, deve ter guardado as gravações. Essas gravações, eu não sei exatamente onde estão, eu gostaria de recuperar de alguma maneira... devem estar em Campinas, na Universidade de Campinas. Teria que correr atrás, mas existem. E também tem um trabalho de resgate desses registros gravados de vários pesquisadores que estão assim perdidos por aí. Mas no caso daquele livro⁸ você tem, teria como ouvir, por exemplo, a Ájahi que me contou a história da mulher que foi para aldeia dos mortos, é um vídeo. Ela sentou na minha frente e foi me contando. Porque quando a gente conta uma narrativa a gente tem que dialogar né, você não pode ficar lá só escutando.

Chico: Tem que responder.

Bruna: Isso, responder. E eu não sou uma boa respondedora. Aprendi, mais ou menos, mas não sou uma boa respondedora. Eu fiz o que podia fazer. Não pode não ter ninguém. Eles chamam de respondedor mesmo.

Márcio: É uma narrativa viva. Ela tem expressão, que dificilmente um livro vai conseguir captar. Aí que entra a necessidade do registro audiovisual.

Bruna: Porque o ideal é ter isso acoplado. A escrita te permite entrar na estrutura da língua, quer dizer, é uma aula sobre como é que é a língua. Mas você perde o som, a melodia, a expressividade.

7 Bruna aponta para a coletânea de narrativas kamayurá organizada pela linguista Lucy Seki (2010).

8 Bruna aponta para o livro organizado por Stenzel e Franchetto (2017), mencionado na nota 4. Os arquivos de mídia (áudio e/ou vídeo) contendo as narrativas originais são acessíveis em <https://zenodo.org/record/999238>.

E, às vezes, só o áudio também perde uma coisa importante da execução de uma narrativa porque o narrador pode estar imóvel, sem se mexer, mas pode... Quando a gente fala, a gente usa os gestos, as mãos, os braços, a mão indicando o momento do dia, direções...

Márcio: Gesticulando... e desenhando também. Alguns indígenas baikari da nossa terra, eles gostam de sentar assim, [senta-se no chão acocorado] aí eles vão contando, vão desenhando no chão assim e você tem que entender o que eles estão desenhando. É o momento em que a narrativa ganha vida, sabe? Física... Vai pra um cenário artístico, de representação que não é a gramática. Ele tá representando aquele mundo que ele tá contando no chão, tá riscando. Às vezes, ele desenha o caminho por onde ele foi. Por exemplo, ele tá contando de um tal lugar lá aí ele fala assim “Ah, não tem a aldeia aqui? Eu vim por aqui, fulano foi por aqui”, aí ele tenta trazer o que a cabeça dele tá pensando numa paisagem, vamos dizer assim, num mapa. Ele tenta representar esse mapa no chão pra que as pessoas que estão ouvindo entendam melhor ou cheguem mais perto, realmente, do que ele tá tentando mostrar.

Kristine: Muito interessante, aquela história [dos cemitérios sagrados].

Miguel: Pois é, faz tempo. Quando eles contavam a gente pensava que era em outro lugar que tinha acontecido isso. Eles contavam que aconteceu isso, isso... mas ninguém dizia: “Olha: aqui aconteceu...”. Mal eles falavam lá na ilha de Inambú “ali foi desse jeito que aconteceu”, mas não detalhavam: “Isso aconteceu aqui...”, agora não, as pessoas podem levar e mostrar: “Olha, aqui aconteceu isso...”. Antes, eles só contavam, como se fosse... A gente imaginava que isso tinha acontecido nos outros lugares, mas era aí mesmo.

Kristine: Isso foi uma coisa que eu gostei muito do jeito que ela contou, porque ela falava assim: “Foi aqui, aqui.” Ela apontava, ela: “Você está no meio do lugar onde aconteceu”.

Miguel: Essa história aconteceu de fato.

Kristine: Por isso eu gosto muito de ter a filmagem, porque a pessoa fica, os gestos dela...

Miguel: Naquela parte, eu fico pensando – aquela parte onde o pajé entrou⁹, sentou – desde a origem, muito antes da origem. Agora eu que fico pensando: “Será que isso realmente aconteceu? Ele sentar lá, de pajé”, mas tem também os lugares onde eles indicam: “É aqui que aconteceu”.

Kristine: A do cemitério, né?

Miguel: A do cemitério, essa parte.

9 No final da narrativa, o pajé ancestral entrou vivo na terra, estabelecendo o lugar do cemitério sagrado.

Kristine: Eles falam muito sobre o lugar que existe ainda, parece.

Miguel: Existe, o lugar existe. Agora sinais, vestígios, não se vê mais.

2. Políticas dos registros

Bruna: E, você acha que isso é um saber, uma tradição ainda forte lá nos Baikari de Santana?

Márcio: Por incrível que pareça, tomando por base o contexto histórico dos Baikari, que você conhece muito bem, por nós sermos um povo antigo no contato com os não-indígenas, eu acredito que sim. Porque a gente tem um privilégio, eu vejo como um privilégio de ter um grupo ainda que viveu no Xingu até 1923. Até serem atraídos para o Simão Lopes que era o posto do SPI, mas eles foram encontrados em 1884, se não me engano. Em 1887, voltando um pouco atrás, o Karl von den Steinen lançou o *Die Baikari Sprache*, o qual a gente lê hoje e vê hoje que a língua mudou muito, que as palavras mudaram muito. Ele tem algumas histórias que ele descreve, alguns mitos sobre a origem do Sol. Mas a gente não consegue imaginar como ele conseguiu e em que contexto porque ele não conta, ele não descreve como é que ele viu isso. Ele só transcreve mesmo a história. E enfim, tem a importância também da gramática do livro. Mas eu acho que a gente conserva muito o jeito de contar história.

Miguel: Durante esse tempo eu venho me dedicando a isso que estou fazendo¹⁰. Há pouco tempo eu me vi a trabalho com essas coisas de narrativa. Principalmente quando a doutora Janet chegou e trouxe essas narrativas. Ela gravou essas narrativas na época que ela trabalhava lá¹¹. Ela morou um certo tempo lá, a trabalho. Para mim, essas coisas eram uma grande curiosidade porque realmente, no tempo em que eu vivia com o meu pai, criança ainda, ele contava muito sobre essas narrativas, mas ninguém fazia atenção.

Kristine: Foi nos anos 1970, anos 1980?

Miguel: Eu acho que um pouco mais, porque quando ela estava lá, eu estava ainda na escola; era criança ainda, um menino ainda. Essas coisas que ela gravou eram coisas muito interessantes para nós, principalmente os moradores de Jutica. Foi lá que ela conviveu, então a forma de falar que as gravações trazem, é a forma de falar desse grupo de Jutica. Não é tão diferente, mas a gente vem vendo que essa parte das pronúncias vão modificando um pouco, então quando eu vi essas narrativas eu disse: “Como é mesmo? Eu queria me certificar, sabe? Eu queria entender bem essas narrativas.”

10 Trabalhando na análise e publicação de quatro livros com narrativas (Chernela 2014a-b, 2015a-b).

11 Nas comunidades Kotiria de Jutica e Carurú no Alto Vaupés, fronteira entre Brasil e Colômbia.

Kristine: Ela [Janet] que veio com a ideia de fazer livro, de pegar as narrativas que ela tinha gravado e ela propôs para você trabalhar nelas? Você sabia que elas existiam antes?

Miguel: Não. Não sabia. Não sabia também por que ela estava fazendo esse tipo de transcrições, que ela pedia. A gente ficava vendo: “Mas para quê escrever essas coisas, o que ela vai fazer?”. Eu sempre gostei de escrever com a minha língua também, eu sempre gostei de ver a escrita, então quando ela trouxe essas narrativas, logo eu quis fazer isso. Foi minha curiosidade, então depois que ela veio para cá e voltou, eu sempre me comunicava com ela, através do e-mail. Eu sempre perguntava sobre aquilo que ela apresentou e voltou, se iria retornar. Da próxima vez que ela veio, ela já veio para corrigir aquilo que nós fizemos, que foi transcrito.

Kristine: Você foi responsável por fazer a transcrição e também a tradução para o português?

Miguel: Fui. A gente fez primeiro a punho mesmo, como falamos, ninguém tinha computadores, essas coisas. A gente escrevia, ela também trazia escritas, então tudo isso foi uma dificuldade, no começo. A gente que ficava com esse trabalho, só na escrita. Somente.

Kristine: Mas aí você escutava a fala e transcrevia?

Miguel: É. Aí, depois que eu tive contato com essas narrativas, eu fui só recordando, como os antigos falavam.

Kristine: Você lembra de escutar essas histórias?

Miguel: Eu lembro. Foi muito interessante; eu gostei muito. Depois que a gente fez todas essas escritas, depois que ela já estava elaborando, eu acompanhei tudo o que ela fez, nós fomos lá na editora, demos entrada... Eu a vi entregando todo o material. Fomos em um, outro, conversamos, ela não conseguiu. Fomos no outro. Problemas, também. Essas dificuldades, até que conseguimos.

Kristine: Quando você trabalhou com ela naquela série – quer dizer, nós também trabalhamos em algumas coisas, e principalmente aquela da dona Teresinha, olhando um pouco mais para a parte linguística também – Você também chegou a fazer isso com ela, ou era mais um pouco a interpretação geral do texto?

Miguel: Não, somente interpretação geral do texto. Só nessa parte que eu me coloquei mais. Na parte linguística, mesmo, a gente não aprofundou. Nós fizemos mais sobre aquilo que a gente ouvia das gravações, era só isso. Como nós estamos fazendo agora...

Kristine: Mas fizeram uma boa versão em português também, né?

Miguel: Também foi. Foi muito bom. Agora, o que eu acho das narrativas serem transcritas e escritas

e publicadas, é importante porque ali vai permanecer; ali não vai modificar. Não vai modificar, quer dizer, a história vai continuar gravada nessas gravações e nesses livros. É muito importante, porque, a gente sabe que com o passar do tempo a história vai... vai modificando um pouco, um conta um pouco diferente, mas eu digo que os originais estão lá. Eu entendo assim, mais ou menos. Eu sempre falo pros meus colegas que têm esse conhecimento deles, na etnia deles... Eles falam, falam... Eu digo para eles: “Sim, vocês sabem muitas coisas, mas têm que colocar isso na escrita”. Eu digo assim: “Nós entendemos que isso é importante, os nossos filhos – que já vêm nascendo da gente – eles não têm mais esse interesse”, esse interesse que eu digo, eles não vão querer ter conhecimento de fala, para eles falarem aquilo que eram os nossos avós, aí eles quase não se interessam em ouvir e querer... não têm aquela curiosidade... então é preciso colocar na escrita, tem que escrever.

Bruna: Então você vê que a cada narrativa tem uma apresentação, onde conta exatamente como foi gravada, onde, com quem e o narrador é coautor.¹² E também quem é coautor, no caso do Kuikuro, por exemplo, os coautores são a narradora, né, a Ájahi, que contou e o Jamalúí, que fez a primeira transcrição, que ajudou na tradução, quer dizer, aquilo que a gente chama de consultor e antigamente chamava de informante, que são cada vez mais importantes. Que muita gente não menciona, tipo assim, não fala “Quem te ajudou?”. Se você não sabe a língua, ou no período em que você ainda estava aprendendo a língua, estou falando da pesquisa do branco, alguém te ajudou, alguém estava do teu lado.

Chico: Isso é descartado.

Bruna: Estão invisíveis. É a invisibilidade dos intérpretes, ou a invisibilidade dos tradutores. Porque a primeira tradução é deles e eles não aparecem. Não dizem “Olha, esse foi quem estava lá me auxiliando...”. Afinal, sem eles não teria nada. Não teria dissertação, não teria tese, não teria livro, não teria artigo, não teria nada.

Márcio: Esse é um trabalho também, no caso Bakairi, que ficou muito desigual, no sentido negativo, que foi o trabalho feito pelos linguistas do SIL, que é Summer Institute of Linguistics...

Bruna: Instituto Linguístico de Verão, essa é a tradução de Summer Institute of Linguistics.

Márcio: Do SIL, porque eles começaram a trabalhar com a gente em 1930, lá nos Bakairi do Pakuera, e conosco, do grupo de Santana, em 1960. Aí teve a Elizabeth Kahn, teve o Jaime, que é dos Estados Unidos, americano, e então eles fizeram esses trabalhos de tradução, também de coleta de algumas narrativas para estudar o idioma e eles colocavam o nome tipo: “O Fulano de Tal, contou tal histó-

12 Bruna está folheando o livro *On This and Other Worlds*, já citado.

ria...” até inclusive, estava no CELIN¹³, alguns manuscritos e, enfim, queimou...

Bruna: Pode ser que tenha sido digitalizado. Tinha muito material do SIL, lá no CELIN, até uma determinada época, até os anos 1980, depois o SIL não deu mais nada, mas até lá o SIL dava.

Márcio: É que eles começaram a ser expulsos das áreas indígenas...

Bruna: É, na verdade é porque em 1977 o convênio que o SIL tinha com o governo brasileiro para tomar conta do estudo das línguas indígenas e da educação indígena, esse convênio foi rompido. Eu participei desse trabalho. O Museu Nacional foi a primeira instituição com quem ele teve convênio, em meados dos anos 1950, até 1977. O convênio do SIL com o governo brasileiro era através do Museu Nacional para pesquisa, e do Ministério da Educação – ou, sei lá, da FUNAI – para a educação, para as escolas. Em 77 denunciemos o convênio com o Museu Nacional. Aí durante um período, o SIL fez convênio com a Unicamp. Depois esse convênio também foi cancelado. Eles foram expulsos das áreas, mas o governo brasileiro nunca botou o SIL para fora do Brasil. Isso aconteceu na Venezuela, aconteceu no Equador, aconteceu em outros países da América do Sul, mas no Brasil não teve isso, só não teve mais convênio oficial do governo com o SIL. E aí, nos anos 1980 o SIL parou de dar, porque por ele ser convênio, o SIL era obrigado a dar cópia de toda a produção dele para guardar no Museu Nacional ou, deve ter sido depois na Unicamp, mas, pelo menos era com o Museu Nacional. Por isso que tinha muito material do SIL. Quando foi interrompido, o convênio, passou um tempo, aí eles já não mandaram mais nada. Mesmo aquilo que eles mandavam, não era tudo aquilo que eles produziam, era uma parte só, óbvio. Mas aí perdemos muito material. Hoje em dia, se você quer alguma coisa do SIL, ou você consegue na internet ou tenta conseguir junto ao próprio SIL, que dificilmente permite o acesso.

Chico: Eu acho interessante. Assim, como você acabou de comentar, é uma questão de mostrar a voz indígena e, nesse sentido, é importante. Porque esse trabalho é uma forma de registrar porque não se sabe como vai ser no futuro. Porque aconteceu muito isso com os povos indígenas, de perder a história...ninguém sabe o que vai acontecer. Bom, os Suruí falam bem, falam entre si, mas ninguém, sei lá, daqui a dez ou quinze anos sabe como vai ser...está na cara que vai precisar cada vez mais desse tipo de registro. Daniel Munduruku fez um trabalho nesse sentido, parecido com esse. Eu contei uma história em Suruí e eu traduzi em português e ele falou que ia publicar pra distribuir nas escolas. E nesse sentido, eu acho importante a distribuição de materiais como esses nas escolas pra que as crianças também aprendam através dos livros. Porque acho que o espaço nas aldeias não é mais como era antes, porque antigamente os mais velhos contavam histórias à noite o que já não acontece

13 Centro de Documentação de Línguas Indígenas, localizado no Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (UFRJ), destruído pelas chamas em 2 de setembro 2018.

mais. Tudo... cada vez mais vai mudando a cultura. Não tem como dizer que não vai...há mudança, mesmo. Não tem como impedir.

Bruna: Nem voltar pra trás.

Chico: Não, impossível. Pra mim isso é impossível. É uma conversa perdida quando se fala que tem que “voltar pra trás”. Nunca vai. Então, acho que um caminho pra não se perder as histórias, a cultura, os mitos, é esse de registrar e assim as crianças e os jovens vão aprendendo através desses registros. Eu defendo essa ideia de que nunca vai voltar atrás. Por exemplo, se pegar um desses aqui (o grupo reunido) e colocar dentro da mata pra sobreviver...não vai durar nem uma semana. (risos) Nem um dia. Uma pessoa lá da aldeia mesmo, um ancião que já tem experiência de viver na mata, se colocar ele dentro da mata de novo, não vai sobreviver. Por isso, a experiência de registrar é importante pra isso, pra registrar a história de um povo. Não só a história, mas a língua de um povo. A forma da escrita, a sua forma falada. E a língua vai mudando também. Sempre vai mudando. “Era assim, agora a gente fala isso, assim dessa forma...” E nesse sentido, eu acho importante esse registro e que os próprios indígenas sejam parte do processo, como você falou.

Bruna: É, essa que é a ideia. Mas, você acha que é positivo publicar em papel, livro...porque toda narrativa começa com uma narrativa oral, contada...com uma voz, que tem um som, uma melodia, que tem uma arte. Porque tem artistas na narração que sabem contar e como que eles contam. Então tem uma diferença entre esse original que é a voz da fala, o som, e no produto final que tem várias etapas, né, que é essa forma de você ler num papel uma escrita, uma ortografia. Mas é claro que é melhor que nada, mas há uma grande diferença. No caso do *On This and other worlds*, que é um ebook, a ideia é que nele há, em cada capítulo, um link com o áudio ou vídeo original – tendo a autorização do narrador, da comunidade - pra que o leitor também possa ouvir como foi... o som, a música. Da língua e da arte de narrar. Esta é uma solução que as tecnologias hoje nos permitem.

Chico: Bom, se tem essa possibilidade.

Bruna: Mas você acha que esses saberes estão se perdendo, se enfraquecendo? A gente pode dizer que está ameaçado?

Chico: Sim, nesse sentido, sim. E eu acho que eu tenho quase a metade das histórias que a Betty (Mindlin)¹⁴ gravou. Teve uma vez que ela reproduziu e passou pros Suruí.

Bruna: Então, a Betty Mindlin gravou, gravou mesmo. Em áudio...

14 A antropóloga Betty Mindlin reuniu narrativas Paitér Suruí em *Vozes da Origem* (1996).

Chico: Com certeza ela deixou o original pra ela. Fez a cópia de todos e fez alguma distribuição pros Paiter. Eu tenho algumas cópias que ela passou e eu reproduzi algumas cópias pra mim. E guardei pensando em mim e, futuramente, como tenho agora, na minha filha. Tipo, “Ah, como é que ela vai contar história? Eu não sei contar.” Se você pedir pra eu contar uma história agora, sem esse material, eu não vou saber contar.

Márcio: Porque tem pessoas que sabem contar histórias e pessoas que não sabem.

Bruna: A *Coleção de Narradores Indígenas do Rio Negro* é toda em português, não é?

Isabel: Isso, em português...

Bruna: O que você acha disso? Esse aqui, por exemplo, já é o livro, já é uma coisa que não é só narrativa, que foi feito na língua.

Isabel: O padre Afonso Casanovas, que já faleceu tem dois anos atrás, ele fez um livro na língua nheengatú, não sei se vocês conhecem. Um livro muito rico, porque lá estão narrativas muito importantes nossas. Ela está escrita em nheengatu e português. Eu estava querendo criar um site justamente para essas narrativas dele, para divulgar. Ainda não terminei, está parado, mas é muito importante. Porque como nós estamos com essas novas tecnologias, como nossos jovens vão procurar e onde? Na internet. Então seria, também, muito importante criar umas páginas de histórias, de narrativas e colocar na internet, porque também é uma riqueza. Pode ser digitalizado, colocar na internet, criar um repositório de histórias das narrativas indígenas, porque isso é muito importante para a gente. Querendo ou não, sem internet, infelizmente a gente não tem tantos recursos. Mas seria interessante escrever em tukano. Já tem escritores em tukano, só que nós não temos ainda, no computador, fonte indígena, porque as línguas tukano, desano, barasano, elas têm uma ortografia específica, algumas coisas que usam vários tipos de acentos especiais, que nós não temos. Por isso, talvez, que ainda não tenha nenhum aplicativo, quer dizer, tem um, que é Fonte Indígena, específico para escrever, realmente, a língua, só que não tem como, porque a gente vai para a gráfica, a gráfica não tem; então quando coloca na gráfica, coloca ali para imprimir, distorce toda a língua. A gente não conseguiu, ainda, essa parte da escrita tukano ou desano por conta disso, por causa dos caracteres especiais que ele usa em algumas histórias. A própria língua, mesmo, traz. Mas seria muito interessante trazer...

Tem muitos alunos hoje, que já escrevem tukano, desano, o nosso desafio foi o que fazer com os alunos indígenas para que ingressem na universidade, porque muitos indígenas que vêm do interior, da aldeia, não conseguem entender bem o português. Nós fizemos um ingresso específico para os indígenas, para que escrevessem na língua deles uma redação e, a partir de lá, fazer uma correção para os indígenas poder ingressar no curso técnico. Então foi uma experiência muito bonita com

esses alunos, porque cada um escrevia na sua língua. Eu tenho os dados guardados, as línguas que eles escreveram; e os professores formados que entendem, também, a língua, que corrigiram as redações dos alunos. Mas muitos já escrevem, talvez nós poderíamos estar investindo na escrita desses novos alunos, mesmo, do tukano, desano, porque não é para qualquer um, precisa entender bem para não distorcer a fala.

Bruna: Nesse primeiro... nesse livro de capa verde [*On This and Other Worlds*] tem uma língua tukano, que é o kotiria e tem uma língua nadahup, lá do Rio Negro. E nessa aqui que a gente está preparando, nessa conversa, vai ter wa'ikhana e vai ter dâw. E uma coisa que eu quero muito, numa próxima, é publicar uma narrativa em nheengatu. Aí eu vou te convidar a contribuir com uma narrativa. Bom, todos vocês: guarani precisa, que seja nhandewa ou outro. Se você for gravar a história de *Nhandesy*, a gente pública.

Isabel: Eu trabalhei com os alunos, ano passado, um projeto, uma Cartilha Bilíngue. É na área de informática, muito interessante, porque eu nem sabia como, não tinha nada pronto; a gente pensou “Ah, não tem nada pronto, vamos criar, vamos começar do zero”. Foi muito interessante, porque nós criamos um grupinho de Tukano. Foram dois grupos, de Tukano e de Nheengatu, do curso técnico de informática. A ideia era entender o conceito e transmitir de uma maneira mais fácil para os alunos indígenas que estão ingressando no curso técnico de informática, para ajudar no entendimento, porque a informática tem muita linguagem específica, que às vezes é difícil. A ideia seria essa, nós começamos a criar uma cartilha digital, mesmo para os alunos indígenas na área de informática. A gente viu que também não é tão fácil e também não é tão difícil, então é muito interessante.

Bruna: Quando você fala cartilha, o que é?

Isabel: É uma cartilha tipo um livretinho com a tradução de português para nheengatu e de português para tukano, de acordo com as três línguas cooficiais que nós temos¹⁵, tentamos trabalhar nisso com esses jovens que estão na luta.

Nelly: Sim, o uso da voz é importante, porque essa questão, o momento que não pode falar alto, porque você está falando do outro, quando você cita um clã, por exemplo. A gente está aqui contando, mas eu quero citar alguém e eu quero só falar pra ele, então eu diminuo e fico meio que cochichando, então tem muitas coisas que eu acho interessantes e quero colaborar, porque a única pessoa que está aqui nesse momento e, aproveitando, seria ótimo esse momento.

Bruna: Mas você queria colaborar com o que?

15 No município de São Gabriel da Cachoeira, as línguas nheengatú, tukano e baniwa se tornaram cooficiais com o português através da lei municipal 145/2002, regulamentada depois na lei 210/2006.

Nelly: Colaborar com o registro, aprimorar, tanto faz, com o Museu do Índio, como em outras ocasiões.

Bruna: No material de Delvair Montagner¹⁶ tem narrativas?

Nelly: Delvair Montagner. Bem, através do Museu do Índio as mulheres conheceram o acervo de cultura material marubo, onde elas colaboraram com a Delvair porque ela fez uma etnografia geral dos Marubo, de 1975 até 1990. Ela ficou indo e vindo e, então, o relato mais completo que eu tenho é dela, pelo que eu tive acesso...

Bruna: Mas ela registrou? Por exemplo, a gente está falando de narrativa, mas é outro gênero de arte da palavra, certo? Ela registrou narrativas, mitos...?

Nelly: Não, tem mais material, no Museu do Índio, porque tudo para as mulheres marubo tem ligação, como elas falam, ligação de conhecimento da ponta dos dedos. Então ali elas queriam ver o que ela escreveu, mas não tivemos acesso porque o tempo era muito curto e elas tinha que fazer uma oficina, conversar com o diretor do Museu, mas vimos os materiais trazidos pelos dois, Delvair e Júlio César Melatti.

Bruna: Mas no material que você está agora examinando tem narrativas?

Nelly: Agora estou lendo o diário dela. Eu vou ter que começar a ler o que tem. Teve poucas coisas que eu vi. Júlio César Melatti traz o relato sobre maloca, como constrói, os mínimos detalhes, o esqueleto da maloca; como foi ensinado pelo ancestral, no mito, a fazer a maloca e os desenhos de maloca, a entrada, todos os detalhes. Então ele traz muito essa parte na etnografia dele. E Delvair observa muito a situação: o acordar, a hora de ir caçar...

Jósimo: Essas narrativas tradicionais, das quais eu estou agora fazendo a recuperação, transcrevendo, eu tenho um sonho de que essas narrativas possam, novamente, começar a ser usadas dentro do contexto, dentro do povo. Eu ainda tenho essa esperança. Por exemplo: se você for perguntar, hoje, para um jovem poyanawa, uma criança poyanawa, sobre a história da raposa, a história do jabuti, a própria história da criação, a história do prato de barro, a história do raio que matou a mulher, a história da caipora, infelizmente nem os próprios Poyanawa com 50, 60 anos, muitos deles não conhecem essas narrativas e, se conhecem, é uma coisa bem superficial, mesmo. E essas narrativas, o bom de tudo, é que elas ainda estão vivas, muitas pessoas ainda conhecem. E dentro dessas narrativas, algumas coisas interessantes que eu descobri, conversando com meus pais e com outras pessoas, uma coisa muito interessante, a minha mãe disse: “Eu ainda sei fazer a rede de tucum”. Tirei até uma foto do *paiatã*. Ela disse “Eu sei fazer o *paiatã*, ainda.” É o abano que é o *paiatã*. Eu estou com algumas ideias na ca-

16 Os antropólogos Delvair Montagner e Júlio César Melatti dedicaram aos Marubo parte de suas vidas como pesquisadores.

beça, ultimamente, algumas ideias que muitas vezes têm me angustiado, mas eu creio que são ideias malucas que, no meu pensar, podem dar certo. Eu quero trabalhar em conjunto com essas pessoas que ainda têm esse conhecimento, construir uma pequena casa tradicional, ou seja, uma arquivoteca, um instituto, eu tenho esses planos futuros – futuros não, daqui a pouco – e, para que essas pessoas façam esse material, produzam, a gente possa começar a dar curso para as crianças, para eles aprenderem a fazer o *paiatã*. Por exemplo, meu tio sabe mexer muito com esses artesanatos aqui, ainda, e ele sabe fazer tudo isso, ainda. Os cestos, a minha mãe ainda sabe fazer a rede de tucum. Por onde eu estou passando eu estou pegando algumas imagens do nosso povo, documentos e eu ainda vou ter esse sonho de construir uma pequena casa ou, seja lá um instituto e, todos esses documentos, todas essas narrativas tradicionais, tudo o que eu posso escrever sobre o meu povo, tudo o que eu posso ainda recuperar, eu tenho esse sonho de ver tudo isso, principalmente essas narrativas tradicionais, porque eu acho que, dentro do mundo poyanawa, o que me move são essas narrativas. Ainda me lembro muito, ainda me lembro muito bem a minha avó, quando eu era criancinha, mesmo, 4 anos de idade, minha avó, ela contando essas narrativas na língua poyanawa, contava essas narrativas na língua. E o meu pai, meu pai é uma pessoa que também é muito genial, nesse sentido, porque ele nunca deixou essas narrativas morrerem e, hoje, eu acho que por onde eu passo, dentro da área acadêmica, dentro do mundo poyanawa, eu acho que a coisa que mais me fascina são essas narrativas tradicionais.

Isabel: É importante colocar no livro, realmente, para as nossas escolas. Hoje, quem trabalha na área da educação, é muito importante, porque na aula de história, nós utilizamos também essas histórias das nossas aldeias, do nosso início... Fala do início do mundo...então nós utilizamos em sala de aula, essas histórias, também. E ela traz muitas lembranças, porque faz parte do nosso cotidiano; como foi, como é, o que será. Daí aqui também tem algumas narrativas que já nos dizem como vai ser daqui a dez anos, vinte anos... Ninguém sabe, mas os grandes narradores, eles já dizem como será. Então tudo isso, os linguistas, que trazem para gente essa riqueza das narrativas indígenas, dos nossos antepassados; é muito importante os linguistas trazerem isso para gente, é uma colaboração deles, também. É uma contrapartida do trabalho deles com o nosso, “A gente dá para vocês isso, fala para vocês da nossa cultura, a nossa trajetória e vocês nos devolvem através das narrativas escritas, porque serão usadas nas nossas escolas”. Hoje a gente usa, ao invés de usar a história do Brasil, aquela história que conta “Pedro Álvares Cabral...”, a gente mostra como foi também, a nossa vivência de antigamente então, eu como indígena desana, não só desana, mas tukano, barasana, ou wanano, do triângulo tukanano, é muito importante. O livro *Antes o mundo não existia*, tem outros... Então todos eles fazem parte da nossa vida, do nosso cotidiano, e com certeza, quando a gente morrer, nós também vamos deixar um pouquinho da nossa história para os nossos netos, filhos, tataranetos, aqueles que virão.

Novas tecnologias e o futuro das narrativas

Isabel: Ou talvez eles possam também deixar as novas histórias deles, das novas tecnologias; hoje a gente tem muita tecnologia avançada. Eles também podem fazer parte de uma nova narrativa, das novas gerações, com as novas tecnologias que estão surgindo e que os nossos antepassados não têm esse domínio dessa tecnologia, então os dois lados vão sair ganhando. A gente conhece a nossa e eles conhecem as novas tecnologias, eles transmitem para gente... Daqui a 20 anos, eles vão dizer: “Como funcionava o Facebook, o Whatsapp...”, através das narrativas eles vão narrando. Talvez daqui a 10 anos já vão surgir outros aplicativos e assim a gente vai construindo as nossas narrativas. É uma importância muito significativa para a gente, para todos os povos indígenas do Brasil, do Amazonas, do Javari, Paiter Suruí, Rio Tiquié, onde fica lá o Rio Maria, dos Desano...

Bruna: Narrar ainda é uma prática?

Márcio: Sim, é. Porque nós temos o costume de visitar a casa dos outros. Por exemplo, nós estamos numa aldeia aqui e eu chego na minha aldeia hoje, então eu vou na casa de todo mundo, eu faço essa viagem a semana inteira indo, de manhã e de tarde, e é sempre com histórias, histórias que aconteceram esse ano que se ligam a uma história que aconteceu ano passado. Então, isso vai criando um complexo de histórias e de narrativas.

Bruna: Mas Chico, você acha que nos Suruí essa situação... porque me lembro que entre os Kuikuro no Xingu, antes, bem, cheguei lá em 1977 e a aldeia era outra coisa: não tinha televisão, não tinha nada. Então, havia muitas histórias (*akinha* como eles chamam) de todos os tipos; era todos os dias. À noite, antes de dormir, ao redor da fogueira era uma contação de histórias até adormecer, na casa dos homens também. Mas a coisa mudou bastante com a entrada da televisão e da internet.

Márcio: No nosso caso, foi o rádio.

Bruna: Ah sim, eu peguei também a época do rádio.

Márcio: Eu não vivi essa época, mas já ouvi histórias. De que o pessoal começou a jogar bola, eu sei porque eu ouvia jogo no rádio.

Chico: No nosso caso, é mais ou menos nessa direção mesmo. Até a década de 1990, a gente tinha esse costume de contar história em casa e com as crianças antes de dormir. Os mitos mesmo. Hoje em dia, não. Mas isso não quer dizer que a gente não conta história. Bem, quando a gente tá reunido ali entre os irmãos, vem o meu tio e ele conta como as coisas eram, o que aconteceu... continua, nesse sentido. Mas como se fosse, assim, formal mesmo. “Tal fulano vem contar histórias pra nós agora.”

Enoc: A parte da contação das histórias, também está se perdendo a língua. Porque eu lembro que minha mãe contava as histórias e eu aprendi com ela a minha língua, porque ela não fala espanhol. Então ela contava, como vocês falaram muito bem, tudo. Se ouvia um passarinho lá... o passado traz para o presente e falava “Esse é o passarinho que minha vó ouviu”, ou quando tem alguma flor ou algo e cheira “Ah, tem uma história dessa flor que, em nosso caso, os *Ajaruna* estão perto e por isso estão se perfumando com seu cheiro...”. E agora, a gente já não escuta mais isso, pela mesma questão da internet, da televisão, do rádio, e ela não fala mais. Meus irmãos já têm filhos e nós crescemos com isso, mas meus irmãos já não transpassam essas histórias para eles, porque eu acho que os filhos não têm o mesmo interesse que antes. Agora acho que eles têm outro mundo, mas se eles perguntassem, as mães já não vão contar em quéchua; agora a língua franca é o castelhano, então se ela quer responder alguma questão, alguma pergunta, vai ser em castelhano. E não é a mesma conotação e também a língua se perde.

Bruna: Então têm situações em que você tem, digamos, uma pessoa mais velha que conta em quéchua e a interação com o mais jovem é uma interação bilíngue, já, onde o mais jovem responde e pergunta em castelhano?

Enoc: Sim, mas isso acontece na cidade. Nas comunidades a gente ainda fala quéchua, então lá ainda mantém. Mas “devagarmente” já estão perdendo porque a gente jovem sai para a cidade, já fala castelhano e regressa para a comunidade e já não fala mais a língua; se quer perguntar, pergunta em castelhano. Tem pessoas que entendem, mas não falam castelhano. Eles respondem em quéchua, mas o jovem responde e fala em castelhano, então já se está perdendo a língua.

Jósimo: Infelizmente está. Não, eu acho que perdido, não. Eu acho que, como o tempo está se modificando – eu pego até um pouquinho da fala do *Txai Suruí* – voltar, não volta mais. Mas eu acho que dentro de um pequeno povo como o nosso, vão nascer pessoas que vão ganhar essa nova vontade de começar a trabalhar em determinadas coisas... Eu tenho certeza que vão nascer pessoas assim, ainda, ou se tem pessoas assim, que precisam apenas de um pouquinho mais de atenção para poderem expressar os seus desejos. Eu acho que, como a gente é um povo que está bem próximo da cidade, há muitas misturas, há muitas influências no que a cultura hoje se transformou. No que é cultura não, porque para mim isso não é cultura, são novas invenções forjadas. Eu acho que são esses os problemas atuais que nós enfrentamos. Mas, a gente discutir sobre isso são passos que nós começamos a dar. Eu já documentei mais ou menos umas 15 narrativas, parte na língua e parte em português, ou seja, apesar de todo o processo colonizador, de todas as influências, tem coisas que eu estou escrevendo, coisas que eu estou começando a documentar, a recuperar, que a gente às vezes pensa “Poxa, quantas coisas importantíssimas, valiosas, e isso não pode morrer, porque isso é o meu mundo poyanawa. Esse é o meu mundo”.

Nós temos hoje, mais ou menos, em torno de uns 14 anciões, ainda. Alguns que moram dentro, alguns que moram fora, mas próximo. E anciões com 90 anos, 80. Ou seja, imagine o tanto de conhecimento que essa gente tem, o tanto de conhecimento oculto, o tanto de lembranças que eles viveram, que eles presenciaram. É nisso que eu trabalho hoje, nessa memória.

Bruna: Então também você virou um contador de histórias profissional.

Jósimo: É, profissional. Inclusive eu tenho até o curso da Associação Brasileira de Contadores de Histórias. Para a gente ver o quanto tem importância e, apesar da luta que eu enfrento hoje, para não deixar tudo isso morrer, eu vou em frente, eu não vou deixar isso morrer. Porque um dia, sabe lá, algum pesquisador de fora, alguém de fora vai dizer “eu vou atrás do trabalho desse sujeito”, ou até alguma coisa poyanawa.

Bruna: Pois é, esse é que é o problema dos acervos, que talvez existam, dos pesquisadores...

Jósimo: Muita gente já tem me perguntado sobre isso, sobre essas narrativas. “Poxa, vocês têm uma história, como é a história de vocês? Eu gostaria de ouvir.” Quando eu usava rapé por aí, as pessoas me perguntavam, “Vocês têm a história do Rapé? Vocês têm a história da Ayahuasca? Como nasce a história de vocês?” Então assim, eu me sentiria muito envergonhado se eu não soubesse contar isso, eu me sentiria muito envergonhado. E muitas pessoas às vezes me perguntam, e é nisso que eu trabalho.

Kristine: Você acha que poderia, por exemplo, ter a parte da escrita e talvez junto, um CD ou um DVD para eles também escutarem?

Miguel: Sim, eu acho muito importante, é por isso que eu estou esperando. Você está com esse tipo de ideia? Esse projeto, planos...

Kristine: É, a gente está tentando fazer as duas coisas: ter o acervo gravado e também pegar alguns e fazer no papel. No nosso caso, a gente faz também essa análise das estruturas linguísticas, não é só... Mas é aquela coisa de analisar as partes, como as palavras são formadas. Você é uma pessoa que tem muita curiosidade sobre isso.

Miguel: Muito importante, porque a Janet fez gravações; ela fez. Mas as gravações que você está fazendo agora são muito mais através do vídeo. É muito importante isso aí. A gente escuta as gravações que ela fez, mas não vê, ninguém está vendo; essa é a diferença grande...

Kristine: É, naquela época era muito difícil de fazer filmagem.

Miguel: Sim, a gente entende isso. Agora não, com essa tecnologia que se tem, está tudo registrado. É muito importante...

Kristine: Mudou muito, a tecnologia. Favoreceu esse tipo de registro visual, também. É, realmente a gente está numa época boa para isso.

Miguel: Essa parte de análises, também é muito importante; a gente precisa saber do que nós estamos falando, cada palavra tem um significado; o que nós estávamos fazendo agora nesses dias, né. É muito importante. Eu aprendi muito.

Kristine: É você também é uma pessoa muito – você e, na verdade, todo mundo da sua família com quem eu já trabalhei – são pessoas que gostam de pensar sobre a língua; eu vejo que você está analisando as coisas, ao mesmo tempo que está olhando, pensando a tradução: “É melhor assim, a palavra deveria juntar, ou separar, ou por que estamos escrevendo separado, mas parece que é uma coisa só?”. Essas são percepções linguísticas, mesmo, que são realmente importantes, e eu acho que temos ainda bastante trabalho para fazer, também junto com as comunidades, na parte da escrita, para pensar sobre essas questões mais refinadas.

Miguel: É, é muito importante.

REFERÊNCIAS

CHERNELA, J. (org.) 2014a. De pássaro para peixe: como os pássaros descem do céu e se transformam em peixes. [Série Kotiria] Manaus: Reggo Edições.

CHERNELA, J. (org.) 2014b. As estrelas de chuva: o ciclo anual de chuvas e enchentes. [Série Kotiria] Manaus: Reggo Edições.

CHERNELA, J. (org.) 2015a. A origem dos Kotiria. [Série Kotiria] Manaus: Reggo Edições.

CHERNELA, J. (org.) 2015b. Mulheres do início. [Série Kotiria] Manaus: Reggo Edições.

MINDLIN, B. 1996. *Vozes da Origem*. São Paulo: Ática.

SEKI, L. 2010. *Jene Ramyiwena Juru Pytsaret: O que habitava a boca de nossos ancestrais*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI.

STENZEL, K. e FRANCHETTO, B. (eds.) 2017. *On this and other worlds: Voices from Amazonia*. [Studies in Diversity Linguistics 17] Berlin: Language Science Press. <http://langsci-press.org/catalog/book/167>.

Umusĩ Pārōkumu; Tōrām̄ Kēhíri. 1995. *Antes o mundo não existia: Mitologia dos antigos Desana-Kēhíripõrã*. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN.